

Luís António Umbelino, *Memorabilia. O lado espacial da memória (na esteira de Merleau-Ponty)*. (Editus, Bahia, 2019). ISBN: 9788574555447. 238 pp.

O autor apresenta-nos nesta obra um verdadeiro fresco da filosofia de Merleau-Ponty. Na verdade, poucas são as obras publicadas recentemente sobre o filósofo francês no panorama académico e editorial português. Esta obra vem, de algum modo, colmatar essa brecha, revelando-se por isso mesmo um contributo maior para os estudos merleau-pontyanos. O livro é construído na linha da filosofia de Merleau-Ponty, dando ênfase, como o próprio o título já indica, à dimensão espacial da memória e do corpo.

Na sua estrutura e composição geral, o livro divide-se pedagogicamente em três estudos fundamentais: 1) o lado espacial da memória (fantasmagorias, casas e corpos); 2) Memória da casa, memória dos elementos: Variação hermenêutica e possibilidade ontofenomenológica; 3) Memória inumana: entre familiaridade e estranheza originárias. Para cada estudo, o autor apresenta-nos as «conclusões colaterais» que se revelam verdadeiramente preciosas para o seguimento atento, preciso e esclarecedor de toda a argumentação, e, por isso mesmo, muito útil para aqueles leitores que, porventura, não estejam tão familiarizados com a literatura merleau-pontyana e com a filosofia hermenêutica e fenomenológica. Do ponto de vista metodológico, o autor de *Memorabilia* elabora de modo claro, para cada capítulo, uma reflexão em três níveis sucessivos: o nível fenomenológico, hermenêutico e ontológico. Este procedimento é, sem dúvida, uma mais-valia, na medida em que nos dá uma visão ou leitura dos modos possíveis de acesso à coisa mesma, sem os separar em absoluto, mas inaugurando um movimento dinâmico de entrelaçamento entre esses três momentos num único discurso ou acto reflexivo unitário.

Como afirma justamente António Balbino, no prefácio ao livro: «Tendo Merleau-Ponty na “esteira”, o livro não é apenas um comentário a mais sobre a obra do fenomenólogo francês, mas um exercício filosófico, com fôlego de um investigador competente que é» (p. 11). Na verdade, este livro é, no fundo, uma *reprise* do pensamento do próprio autor de temáticas reflectidas e abordadas ao longo da sua investigação no âmbito da tradição filosófica francesa, em particular a fenomenologia e a hermenêutica, assuntos que aqui desenvolve e aprofunda de um modo mais sistemático. Se é certo, como o próprio reconhece colocar-se na senda de Merleau-Ponty, o autor avança ideias e hipóteses pessoais que colocam a obra muito para além de uma síntese ou comentário crítico de teses ou de textos. Não esqueçamos que o filósofo de Coimbra é autor da importante obra *Somatologia: apercepção de si e corpo em Maine de Biran* (Gulbenkian, 2008), resultante da sua tese de doutoramento, que o investigador tem procurado alargar e confrontar com outras figuras do pensamento filosófico contemporâneo, tornando-o uma das referências principais nos estudos biranianos.

A hipótese de trabalho fundamental apresentada é o tema da memória a partir da sua dimensão espacial, um lado espacial originariamente constitutivo, distanciando-

-se assim de uma certa reflexão clássica que sempre privilegiou mais a dimensão temporal do ser. Para tal, o autor mobiliza um conjunto de filósofos e de textos que procuraram dar enfoque ao espaço como lugar definidor da memória. Isso não significa no pensamento do autor qualquer separação entre estas duas dimensões ou categorias do nosso ser no mundo, mas a partir do estabelecimento e descrição da dimensão espacial primordial assistimos, na verdade, a um repensamento da corporeidade na sua relação com o próprio mundo e com o tempo. Podemos dizer que Novalis sintetiza bem a relação quiasmática entre estas duas dimensões: «O tempo é *espaço interior* – o espaço é *tempo exterior*.» (Novalis, *Fragmentos de Novalis*, selecção, tradução e desenhos de Rui Chafes, Lisboa: Assírio & Alvim, 2000, p. 113).

Na verdade, para além do enfoque espacial do corpo, a presente obra inaugura uma original fenomenologia da casa na qual todas as dimensões do ser (tempo, espaço, corpo, espírito) se estabelecem numa unidade ontológica e hermenéutica. Como o próprio autor afirma: «Para Bachelard, a casa é “o nosso primeiro mundo”. Nesta medida, seria impossível conhecer realmente o nosso ser-no-mundo sem um originário sentido de estar em casa, que funcionasse como referência fundadora de uma familiaridade antiga (feita de uma pertença conivente que por vezes se esquece, mas sempre se quer recuperar) com o espaço e lugares de pertença» (p. 149). Ora, segundo o filósofo de Coimbra, a casa é precisamente o espaço concreto do nosso pertencimento ao mundo, que nos inscreve e institui como seres de memória espacial, onde e a partir da qual a temporalidade da nossa presença ao mundo se cristaliza. Tal assim é, tendo como referência Bachelard para uma filosofia da casa, Luís Umbelino chega a afirmar que não somos «ser-para-a-morte» (Heidegger) mas «ser-para-a-casa». Poderia ser aqui oportuna a confrontação com a recente *Filosofia della Casa*, do filósofo italiano Emmanuel Coccia, muito embora o ponto de partida de ambos seja diverso, pois um é mais fenomenológico, o outro mais antropológico.

Este vigoroso trabalho de reflexão e de ampla profundidade afirma-se, se assim o podemos dizer, como uma espécie de «espeleologia» do ser espacial da memória, uma “topofilia” do ser habitante do mundo que é o humano. É uma arqueologia do ser anónimo capaz de voltar a dar-nos um «espaço vivencial» ou um «espaço vivido» no qual somos, estamos e existimos com os outros, numa carne sensível universal comum que o Sentir institui. É esta vinculação do espaço com o corpo, cuja melhor formulação fenomenológica nos chega de Merleau-Ponty, de um corpo «entendido como veículo do nosso ser-no-mundo que determina tal *modo de ser mundano como modo-de-ser-de-algum-lado*» (pp. 17-18). Isso não significa uma transparência total do ser-aí onde estamos, mas tão só assumir a dimensão inquietante ou a estranheza fundamental que nos habita, que faz e constitui também o «halo de humanidade» do «ser selvagem ou bruto». Não se trata evidentemente aqui de privilegiar o espaço fenoménico relativamente ao tempo metafísico, mas através do espaço ou da memória espacial do corpo pensar o próprio tempo que nos constitui e faz ser aquilo que somos quando e onde somos. Trata-se, assim, evidentemente de

investigar «o papel desempenhado pelo espaço no coração da própria experiência humano do tempo» (p. 18).

As análises e descrições do lado espacial da memória apresentadas não são fruto de um posicionamento abstrato, mas procedem da interrogação de casos insólitos, estranhos e primitivos que colocam à prova o lugar da memória e da experiência que dela fazemos na dimensão espacial do corpo. Aqui se desvendam as mais bizarras fantasmagorias de um passado de objetos e recordações que o nosso corpo recorda e reconhece desde sempre. Poderíamos dizer que a interrogação que atravessa a presente obra do autor, na esteira das descrições merleau-pontyanas do membro-fantasma, consiste em saber como é possível perceber numa casa vazia ou desabitada a presença no presente, quem já partiu e é agora passado, a memória e uma «natureza inumana» que se vislumbram sob as construções do mundo humano. É neste seguimento que o filósofo anuncia uma tese possível e plausível: «o lado espacial da memória é, originariamente, questão de um imbricamento do corpo (vivido) e espaço (vivido). E talvez se dê o caso de, nos estratos mais arqueológicos da nossa corporeidade vivida, a espacialidade do espaço se desvendar primitivamente no próprio modo de ser do corpo, do mesmo modo que tal modo de ser corporal se esboçará primeiro como vocação do próprio espaço» (p. 30). É este imbricamento entre o corpo e espaços vividos que o projecto filosófico do presente livro procurará pensar.

Muitas são as figuras do pensamento com quem Luís Umbelino dialoga para afirmar a sua hipótese de trabalho na constituição de uma «Topologia memorável». Aqui o conceito de casa, enquanto expressão do ser habitante do mundo, tal como é pensada por si ao longo de toda a obra, é fundamental para a sua inovadora reflexão sobre uma ontofenomenologia hermenêutica do espaço. Para alargamento desse diálogo, talvez a vir num outro contexto ou publicação, poderíamos somente sugerir a experiência do espaço emocional de Pierre Kaufmann, a ser trabalhado em relação com os novos conceitos de atmosfera e de ambiência, ao qual o nosso autor faz também alusão, e aparecem nos mais diversos estudos filosófico-fenomenológicos e antropológicos recentes, nomeadamente a partir de Gernot Böhme, de Hermann Schmitz, de Bruce Bégout ou de Tonino Griffero. A hipótese de trabalho assumida pelo nosso autor remete-nos indubitavelmente também para a dita “arquitetura fenomenológica” (Juhanni Pallasmaa, Steven Holl, Peter Zumthor, Alvaro Pérez-Gómez, Siza Vieira) que é, talvez, hoje, a expressão artística que melhor dará conta dessa memória espacial da corporeidade, articulando profundidade, dimensão, envolvimento, movimento, justaposição, fronteira, entrelaçamento, lateralidade, vizinhança, entre dois, verso e reverso, presença e ausência, dentro e fora.

Neste sentido, como Luís Umbelino afirma: «Será o pulsar de tais infatigáveis reformulações que, julgamos, uma investigação contemporânea do espaço, justamente, nos parece exigir.» (p. 227). Ora, uma das formas possíveis para a dilatação do espaço poderá ser precisamente a afetividade, à qual o nosso autor alude, que espacializa o próprio espaço ou lugar onde somos, que faz ser o ser espacial que nos enraiza no mundo intercorporal da vida, que abre o horizonte, o tempo e a situação

do ser-aí para uma outra dimensão. Assim, «poderia, então, argumentar-se que a interpretação de um dado lugar deve estender-se, na verdade, até ao modo como corpo afectivamente acolhe e redobra os lugares que atravessa» (p. 143). Ainda que noutra perspectiva, poderia ser filosoficamente benéfica também a confrontação com a posição do fenomenólogo e poeta francês Jean-Louis Chrétien procurou elaborar a partir do afecto da alegria e do amor erótico um outro conceito de espacialidade dilatada e vivificada (cf. Jean-Louis Chrétien, *La Joie spacieuse. Essai sur la dilatation*, Minit, Paris, 2007). Nesse sentido, parafraseando Hölderlin, quase poderíamos afirmar que “afectivamente, habita o homem sobre a terra”, o lugar, a casa, o templo, a cidade...

A dimensão arquitectónica da fenomenologia (Cristian Norberg-Schulz) e da arquitectura como expressão fenomenológica do «Ser sensível» (Merleau-Ponty), já fora por si vigorosamente trabalhada em alguns dos seus importantes artigos, em particular a partir da fenomenologia de Marc Richir e da hermenêutica da memória de Paul Ricoeur, e que na presente obra também são evocados. Assim, «a *arquitectura e o urbanismo* são na verdade os criadores de lugares habitáveis onde o próprio tempo humano, nos seus modos históricos e existenciais, *tem lugar* [...] são o que dá forma e figura ao espaço humanizado» (p. 128). A relação do corpo com a memória e com a espacialidade entra também em relação com o espaço onírico, com o sonho, na articulação entre imaginário e realidade, existência e transcendência, que só a linguagem literária saberá sugerir e evocar em profundidade. Não por acaso o autor do presente livro parte de Marcel Proust para reflectir o lado memorial do corpo na articulação entre pensar e sentir, razão e emoção, afecto e linguagem, temporalidade e espacialidade. Esta relação com a dimensão estética, em particular a obra de arte, diz bem a proveniência deste livro, que é, tal como o próprio autor afirma, um prolongamento mais conceptual de um conjunto de intuições surgidas na obra conjunta com o projecto artístico de Nuno Sousa Vieira, intitulada *Memória do Corpo Tentação do Espaço* (Coimbra, 2015).

Nesse sentido, no seguimento deste projecto original e de amplo respiro filosófico, não podemos deixar de entrever também um seu prolongamento estético através das obras de arte mesmas, que o próprio autor já aborda neste livro, ao começar com Proust, e noutras circunstâncias do seu próprio percurso filosófico (por exemplo, o seu ensaio sobre a arte de Pedro Croft). Assim, em nosso entendimento, pensamos que autores como o poeta Manuel Pina (*Como desenhar uma casa*), o escritor Italo Calvino (*As cidades invisíveis*), o cinema poético de Marie-Violaine Brincard and Olivier Dury (*L'Homme qui penche*, 2021) ou transcendental de Apichatpong Weerasethakul (*Memoria*, 2021) poderão ser excelentes interlocutores para o seguimento reflexivo desta hipótese filosófica singular e prometedora de novos desenvolvimentos e articulações futuras. Esta escolha não é arbitrária, pois são expressões de uma estética fenomenológica que nos remetem para o quadro conceptual com o qual filósofo trabalha. A arte *enquanto tal* não é uma mera ilustração de ideias, mas o surgimento da própria ideia no contacto íntimo com a própria existência. A expres-

são artística constitui-se, portanto, como um dos modos possíveis de ver o estado nascente do mundo, o fervilhar sensível dos próprios conceitos filosóficos, a camada originária pré-reflexiva que anima o pensamento, sobre a qual o reflexivo trabalha e se institui. A arte *enquanto tal* dá a pensar o tempo, o espaço, a memória, o lugar, o corpo, o mundo de uma maneira sempre nova e inédita, quer dizer, como elementos constitutivos da nossa experiência espacial e encarnada do ser-no-mundo.

Seja-nos aqui permitido fazer uma referência a um dos últimos escritos de Heidegger, na sua versão francesa, intitulado *Remarques sur art – sculpture – espace* (Paris, Éditions Payot & Rivages, 2009), por ocasião da inauguração de uma exposição, em 1964, numa alocução onde o filósofo alemão procura precisar as relações entre a escultura e o espaço, a arte e o espaço, o homem e o espaço, descrevendo o movimento pelo qual o espaço se faz espaço, através do qual o homem “arranja” ou “cria” o espaço. Se Heidegger faz da escultura o ponto de referência da relação do homem com o ser e do ser com o homem, passando pela corporeidade no seu medo próprio de abrir o espaço, o ser-no-mundo, o nosso autor faz da arquitetura o lugar onde o corpo espacial melhor se evidencia. No fundo, segundo Heidegger, «trata-se de ver como o homem está no espaço [...]. Ele não tem um corpo e não é um corpo (*Körper*) mas vive o seu corpo (*Leib*). O homem vive (*lebt*), na medida em que ele corporifica (*leibt*), e assim admitido no aberto do espaço e, por esta admissão, mora já antecipadamente em relação com os seus próximos e com as coisas» (p. 29). Esta conferência do filósofo alemão de capital importância a vários títulos, na medida em que faz do corpo (*Leib*) o gonzo da relação entre arte e poesia, espaço e tempo, atenuando, de uma certa maneira, a crítica que lhe é feita de conceber um *Dasein* sem corporeidade, entra em diálogo com a perspectiva desenvolvida por Luís Umbelino, na medida em que faz do corpo vivido a referência primordial para a própria experiência espacial do ser. Nesse sentido, no último Heidegger, mais do que *Ser e Tempo*, seria talvez oportuno pensar-se *Ser e Espaço*.

A última palavra é para a composição do livro enquanto tal. Tal como o autor esclarece na «Nota bibliográfica», a maioria dos capítulos que o compõem provêm de outras publicações, mas todos eles foram reformulados, desenvolvidos e corrigidos. O autor retoma-os e repensa-os agora tendo por base o tema e a hipótese centrais do presente livro. Esta proveniência diversa dos textos revela-nos uma linha de pensamento *se faisant*, que o filósofo agora revisita de um modo mais composto e completo, articulando-os em função da perspectiva espacial da corporeidade memorial, do corpo da memória e da memória do corpo, enquanto fio de pensamento que atravessa coerentemente o conjunto do livro. A obra conta ainda com a apresentação de referências bibliográficas de grande relevância, bem como com o índice dos seus conteúdos. Assim sendo, em virtude da temática e da sua força argumentativa, bem como dos autores mobilizados para reforço da plausibilidade da tese aqui defendida, este livro assumir-se-á como um marco fundamental dos estudos sobre a dimensão espacial do corpo e da memória, na esteira de Merleau-Ponty, e não só, bem como das muitas articulações que esta hipótese inaugural deixa em aberto para futuras

formulações estético-filosóficas (e até teológico-rituais e arquitectónicas do espaço sacro contemporâneo) a partir do «pensamento espacial» ou de uma «ontofenomenologia do lugar» (do «ser-para-a-casa» mais do que «ser-para-a-morte» heideggeriano, p. 146) que o autor nos propõe.

Nesse sentido, poderíamos dizer com o poeta Manuel António Pina que no seu livro *Como se desenha uma casa* (Lisboa, Assírio & Alvim, 2011) procurou desenhar poeticamente o que o filósofo arquitecta e descreve conceptualmente: «Uma casa é as ruínas de uma casa, // uma coisa ameaçadora à espera de uma palavra; // desenha-a como quem embala um remorso, // com algum grau de abstracção e sem um plano rigoroso.» Ou ainda com os versos de Ruy Belo, do seu vibrante poema “Oh as casas as casas as casas”, que evoca *poeticamente* essa «ontologia do lugar», a casa à qual sempre se regressa, em presença real ou em memórias espaciais, a casa humana ou a casa cósmica, entre familiaridade e estranheza, que nos faz ser o ser que somos: «As casas essas parecem estáveis // mas são tão frágeis as pobres casas// [...] Visitei casas apalpei casas// Só as casas explicam que exista // uma palavra como intimidade// [...] Na casa nasci e hei-de morrer // na casa sofri convivi ameii// na casa atravessei as estações [...]» (Ruy Belo, *Todos os poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, pp. 511-512).

João Paulo Costa

Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras

Institut Catholique de Paris. Doctorant

jp.britocosta@gmail.com

Orcid: 0000-0002-0908-0663

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_64_14